

HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: REFLEXÕES DE UM PESQUISADOR INICIANTE

Francivaldo Lourenço SILVA¹

(USP – Universidade de São Paulo)

RESUMO: Neste artigo apresentamos o balanço teórico-metodológico do percurso acadêmico de nossa formação enquanto pesquisador na área da História das Ideias Linguísticas. Discutimos brevemente alguns princípios gerais da HIL; sobretudo que a história das ideias linguísticas é o conhecimento do passado das representações humanas acerca da linguagem e que as representações de que ela trata se formam a partir de reflexões acerca dos elementos que constituem as práticas linguísticas. Apresentamos também três fundamentos epistemológicos da HIL: ideia como representação e seus elementos; as externalidades cognitivas como a contraparte histórica das ideias linguísticas; a ciência como um domínio empírico e sua história como a parte descritiva de sua epistemologia; por fim, a título de conclusão, apresentamos os procedimentos metodológicos elaborados e aplicados numa pesquisa sobre as ideias linguísticas de Matoso Camara Júnior.

PALAVRAS-CHAVE: História das ideias linguísticas; Sylvan Auroux; Historiografia linguística.

HISTORY OF LINGUISTIC IDEAS: REFLECTIONS OF A BEGINNING RESEARCHER

SUMMARY: In this article, we present a theoretical and methodological overview of our academic journey as researchers in the field of the History of Linguistic Ideas. We briefly discuss some general principles of the History of Linguistic Ideas; above all, that

¹ Doutor em Letras pela DLCV/FFLCH/USP.

the history of linguistic ideas is the knowledge of the past of human representations about language, and that the representations it deals with are formed from reflections on the elements that constitute linguistic practices. We also present three epistemological foundations of the History of Linguistic Ideas: the idea as representation and its elements; cognitive externalities as the historical counterpart of linguistic ideas; science as an empirical domain and its history as the descriptive part of its epistemology; finally, by way of conclusion, we present the methodological procedures developed and applied in research on the linguistic ideas of Mattoso Camara Júnior.

KEYWORDS: History of linguistic ideas; Sylvan Auroux; Linguistic historiography.

INTRODUÇÃO

Ao término de uma jornada cumpre, para melhor proveito do esforço despendido, realizar um balanço dos percalços enfrentados e, sobretudo, dos ganhos amealhados. Realizar este balanço é o que pretendo neste artigo. A jornada que me trouxe aqui foi a de historiar as ideias de frase e de sintaxe no trabalho do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Júnior (1904 – 1970); os percalços e ganhos de tal jornada dizem respeito aos conhecimentos que pude construir, não só acerca do tema principal de meus trabalhos acadêmicos, mas também dos fundamentos teórico-metodológicos que me permitiram cumprir a contento com os objetivos traçados; fundamentos estes colhidos na História das Ideias Linguísticas, disciplina que tem em Sylvain Auroux seu fundador e em Marli Quadros Leite sua distinta praticante e animadora no ambiente acadêmico brasileiro.

Este artigo organiza-se em duas seções: na primeira delas apresento e discuto brevemente alguns princípios gerais da HIL; na segunda três fundamentos epistemológicos: a) ideia como representação e seus elementos (2.1); b)

² Este artigo reapresenta partes da Introdução da tese “As investigações sintáticas de Mattoso Camara: explorando seus papéis de trabalho a fim de suas ideias linguísticas” (SILVA, FFLCH/USP, 2024).

as externalidades cognitivas como a contraparte histórica das ideias linguísticas (2.2); c) a ciência como um domínio empírico e sua história como a parte descritiva de sua epistemologia (2.3); por fim, apresento os procedimentos metodológicos elaborados e aplicados em minhas pesquisas sobre as ideias linguísticas de Mattoso Camara Jr.

1 *HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: ALGUNS PRINCÍPIOS GERAIS*

O historiador não é o sujeito da ciência que é seu objeto (AUROUX, 2021, p. 5); os territórios do saber que ambos, historiador e cientista, têm a explorar diferem, portanto. Os cientistas da linguagem produzem conhecimentos metalinguísticos; os historiadores das ideias linguísticas, conhecimento histórico acerca dos conhecimentos metalinguísticos.

Nessa perspectiva, cuidamos para não confundir conhecimento linguístico com conhecimento histórico das ideias linguísticas, nem tampouco confundir este com conhecimento histórico. A história é o conhecimento do passado humano (MARROU, 1954, p. 29); a história das ideias linguísticas, por seu turno, é o conhecimento do passado das representações humanas acerca da linguagem; representações estas que se formam a partir de reflexões acerca dos elementos que constituem as práticas linguísticas. Auroux (1988, p. 430) já apontava como núcleo de seu programa de pesquisa o conhecimento metalinguístico constituído ou em vias de constituição.

O termo perspectivismo, em sentido amplo, pode ser usado para se referir a todo caso em que historiadores diferentes abordam o mesmo tema de maneira distinta (LONERGAN, 2012, p. 243). As maneiras distintas resultam não

só da individualidade dos historiadores, mas também da tradição de pesquisa³ em que estes procuram situar-se. As tradições de pesquisa em História das Ideias Linguísticas e Historiografia Linguística estão, respectivamente, vinculadas aos nomes de seus principais teorizadores: Sylvain Auroux, Konrad Koerner e Pierre Swiggers. No interior mesmo das tradições de pesquisa em historiografia linguística, sobretudo no Brasil, vemos surgir diferentes abordagens⁴.

No entanto, as diferentes abordagens podem ser classificadas a partir de dois eixos, o do objeto e o do conhecimento linguístico. No eixo dos objetos encontram-se as **ideias**, os **instrumentos**, os **agentes**, as **instituições** e as **tradições de pesquisa**. No eixo dos conhecimentos linguísticos encontram-se os quatro tipos de conhecimento metalinguístico discriminados por Auroux (1988, p. 430; 2014, p. 18):

O historiador não é o sujeito da ciência que é seu objeto (AUROUX, 2021, p. 5); os territórios do saber que ambos, historiador e cientista, têm a explorar diferem, portanto. Os cientistas da linguagem produzem conhecimentos metalinguísticos; os historiadores das ideias linguísticas, conhecimento histórico acerca dos conhecimentos metalinguísticos.

Nessa perspectiva, cuidamos para não confundir conhecimento linguístico com conhecimento histórico das ideias linguísticas, nem tampouco confundir este com conhecimento histórico. A história é o conhecimento do passado humano (MARROU, 1954, p. 29); a história das ideias linguísticas, por seu

³ Adotamos o conceito de tradição de pesquisa proposto por Laudan (2011, p. 115) nos termos a seguir: “uma tradição de pesquisa é um conjunto de suposições acerca das entidades e dos processos de uma área de estudo e dos métodos adequados a serem utilizados para investigar os problemas e construir as teorias dessa área do saber”.

⁴ As principais, no contexto brasileiro, são as desenvolvidas pelo Centro de Documentação em Historiografia da Linguística – CEDOCH/USP, pelo Programa de História das Ideias Linguísticas no Brasil da Unicamp, pelo Grupo de Pesquisas em História e Historiografia da Língua Portuguesa do Instituto de Pesquisas Sede Sapientiae, da PUC/SP e pelo GP Gramáticas: história, descrição e discurso da FFLCH/USP.

turno, é o conhecimento do passado das representações humanas acerca da linguagem; representações estas que se formam a partir de reflexões acerca dos elementos que constituem as práticas linguísticas. Auroux (1988, p. 430) já apontava como núcleo de seu programa de pesquisa o conhecimento metalinguístico constituído ou em vias de constituição.

O termo perspectivismo, em sentido amplo, pode ser usado para se referir a todo caso em que historiadores diferentes abordam o mesmo tema de maneira distinta (LONERGAN, 2012, p. 243). As maneiras distintas resultam não só da individualidade dos historiadores, mas também da tradição de pesquisa⁵ em que estes procuram situar-se. As tradições de pesquisa em História das Ideias Linguísticas e Historiografia Linguística estão, respectivamente, vinculadas aos nomes de seus principais teorizadores: Sylvain Auroux, Konrad Koerner e Pierre Swiggers. No interior mesmo das tradições de pesquisa em historiografia linguística, sobretudo no Brasil, vemos surgir diferentes abordagens⁶.

No entanto, as diferentes abordagens podem ser classificadas a partir de dois eixos, o do objeto e o do conhecimento linguístico. No eixo dos objetos encontram-se as **ideias**, os **instrumentos**, os **agentes**, as **instituições** e as **tradições de pesquisa**. No eixo dos conhecimentos linguísticos encontram-se os quatro tipos de conhecimento metalinguístico discriminados por Auroux (1988, p. 430; 2014, p. 18):

⁵ Adotamos o conceito de tradição de pesquisa proposto por Laudan (2011, p. 115) nos termos a seguir: “uma tradição de pesquisa é um conjunto de suposições acerca das entidades e dos processos de uma área de estudo e dos métodos adequados a serem utilizados para investigar os problemas e construir as teorias dessa área do saber”.

⁶ As principais, no contexto brasileiro, são as desenvolvidas pelo Centro de Documentação em Historiografia da Linguística – CEDOCH/USP, pelo Programa de História das Ideias Linguísticas no Brasil da Unicamp, pelo Grupo de Pesquisas em História e Historiografia da Língua Portuguesa do Instituto de Pesquisas Sede Sapientiae, da PUC/SP e pelo GP Gramáticas: história, descrição e discurso da FFLCH/USP.

Tabela 01: Conhecimentos linguísticos, adaptado de Sylvain Auroux (1988, 2014).

Conhecimento de natureza especulativa:	Elementos da representação abstrata
Conhecimento de natureza prática: As mestrias dão lugar a:	a necessidade de adquirir uma mestria: a. de enunciação (o locutor adapta sua fala a um fim) b. das línguas (falar e/ou compreender uma língua – materna ou estrangeira) c. de escrita
Conhecimento técnico: As técnicas dão lugar à formação de:	práticas codificadas que permitem obter toda vez ou frequentemente um resultado desejado (existência de regras)
Competências	suscetíveis de receber um status profissional numa sociedade dada

Assim, podemos classificar os trabalhos em historiografia linguística apondo o seu objeto e o tipo de conhecimento metalinguístico tematizado: no caso da tese que apresentamos ao Departamento de Letras Clássicas da FFLCH/USP em 2024, temos no eixo objeto a **ideia de sintaxe** e no eixo conhecimento o de **natureza especulativa**; o que nos dá um trabalho interessado na representação da sintaxe sob um ponto de vista geral.

A especificação do tipo de conhecimento histórico produzido dá-se pela discriminação dos elementos das dimensões espacial e temporal explorados no trabalho historiográfico; em nosso caso, esta especificação se dá ao tomarmos o trabalho do linguista brasileiro Mattoso Camara Jr. como *corpus* de pesquisa. Desta forma

podemos caracterizar nosso trabalho como interessado na representação da sintaxe sob o ponto de vista da linguística geral tal como esta é compreendida por Matoso Camara; o que nos situa, numa perspectiva mais larga, temporalmente no final do século XIX e na primeira metade do século XX⁷.

Para Auroux (1988, p. 430) a história dos conhecimentos linguísticos é feita dos desenvolvimentos dos conhecimentos metalinguísticos, de suas interações, ou mesmo da passagem da tematização de certos fenômenos de um tipo a outro; também para Auroux (1980, p. 15), o historiador das ideias linguísticas deve praticar uma história hipotético-confirmativa, ou seja, deve abordar os documentos com questões precisas a resolver.

À pergunta “O que se faz quando se faz a história das ideias linguísticas?” Bernard Colombat *et al.* (2017, p. 17) respondem: exploram-se os textos (às vezes), e restaura-se ou repara-se o esquecimento do qual são objeto as teorias ou as ideias que eles expõem. Quanto a seu objeto de investigação, Leite (2019, p. 161) afirma que são os conhecimentos (ou ideias) linguísticos, produzidos na longa duração do tempo; é o conhecimento sobre a linguagem e as línguas, o conhecimento externalizado a respeito do funcionamento da linguagem e das línguas, de suas características, de suas categorias. São esses, de modo sumário, os princípios gerais da *História das Ideias Linguísticas* que nos têm interessados em nossos trabalhos historiográficos.

2 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

O objetivo desta seção é refletir sobre alguns — poucos — aspectos do vasto programa de pesquisa de Sylvain Auroux. Seleccionamos apenas aqueles que nos servem de base em nosso trabalho, a saber, a noção de **representação** como fundamento de uma filosofia do conhecimento, seu desdobramento na proposta filosófi-

⁷ Ao longo do trabalho faremos um recorte mais estreito em nosso marco temporal.

ca do **empirismo externalista** e sua compreensão da **história da ciência** como epistemologia descritiva.

Nossas reflexões serão expostas na medida em que apresentarmos os postulados que essas noções aurousianas nos permitiram elaborar, a saber:

- por ideia linguística entendemos a representação metalinguística de um fenômeno linguístico;
- as externalidades cognitivas constituem a contraparte histórica das ideias linguísticas;
- a ciência é um domínio empírico e sua história é a parte descritiva de sua epistemologia.

2.1 Ideia como representação e seus elementos

Nosso primeiro postulado — por ideia⁸ linguística entendemos a representação metalinguística de um fenômeno linguístico — diz respeito à natureza de nosso objeto de investigação. Diferente dos objetos de outras perspectivas históricas, os nossos não são, essencialmente, acontecimentos, mas, fundamentalmente, representações. Essas representações, ao serem metalinguísticas, participam da ordem dos fenômenos linguísticos. A frase, por exemplo, enquanto enunciada, participa da ordem das atividades linguísticas; ao definir, operacionalizar, descrever etc. a ideia de frase nos situamos na ordem do conhecimento linguístico qualificado. A história que nos interessa é a dos fenômenos desta última ordem.

Auroux (2008, p. 125) define representação como impressões que possuem a propriedade de ser automaticamente *relacionadas/relacionáveis* aos objetos e

⁸ Nossa compreensão do termo ideia considera não apenas a formulação de Auroux (1989, p. 15) — “Par idées, nous voulons simplement dire savoirs ou représentations général” —; mas também a noção hegeliana de ideia como “a unidade do conceito e da realidade” (*apud* SANTOS, 1955, p. 119) e a noção semiótica de Deely (1982) que vê a ideia como signo.

aos sujeitos do mundo exterior, não simplesmente como causas, mas como algo que pode eventualmente valer em seu lugar. Os elementos da representação são apresentados em Auroux (1993, p. 21); com base em sua exposição, elaboramos o esquema a seguir:

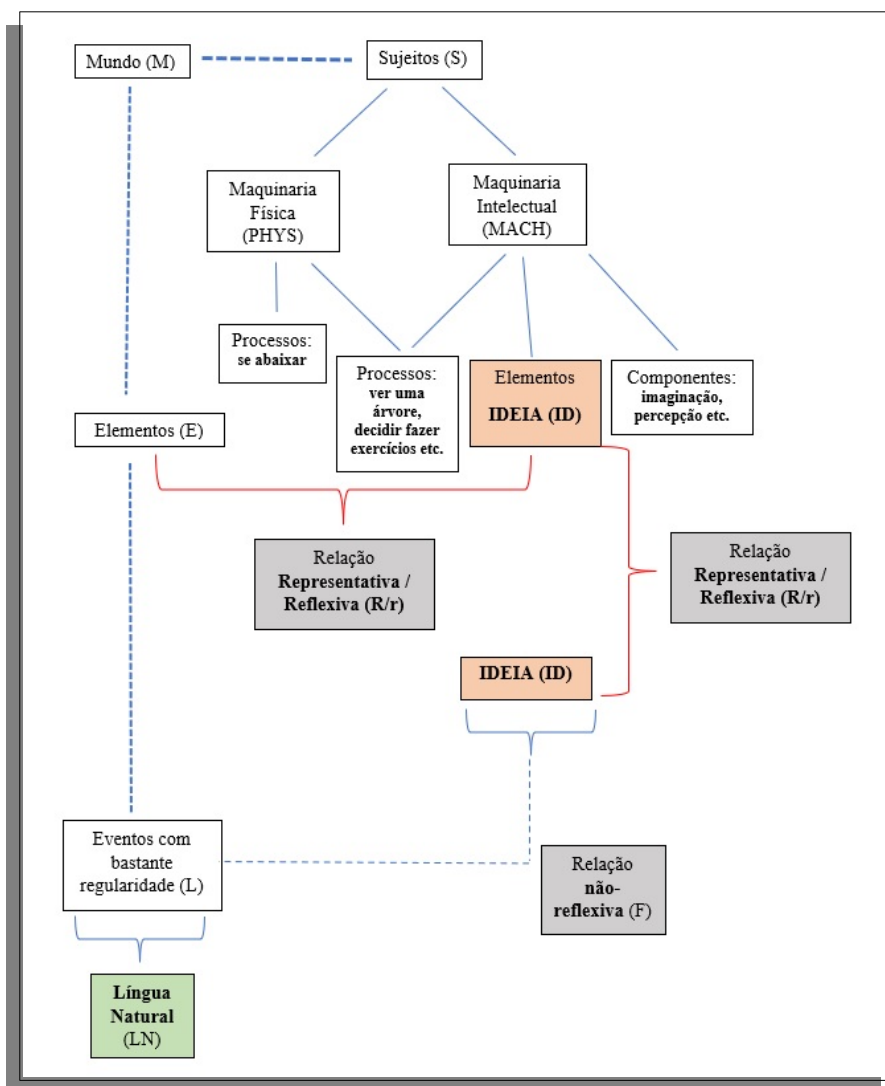


Figura 01 Esquema dos elementos da representação, adaptado de Auroux (1993).

Deste esquema interessa-nos destacar que as ideias são parte da maquinaria intelectual que todo ser humano possui; relacionam-se por meio da representação com elementos (e eventos) do mundo, $R(E) = ID$, e com outras ideias, $R(ID) = ID$. Um certo número de eventos em M , ainda que manifestem fortes regularidades, são, no entanto, particulares. Em primeiro lugar, são eles produzidos por S . Então, estão eles, de algum modo, em relação com as ID de S . É o que Auroux (1993) nomeia de relação F , cuja inversa é a relação F^{-1} . A reflexividade caracteriza a relação R em contraste com a relação F que é não-reflexiva. Com base neste esquema, Auroux (1993, p. 22) verifica, num grupo S , o axioma mínimo da comunicação:

[1] Há pelo menos dois sujeitos S_j e S_k e duas representações ID_j e ID_k pertencentes, respectivamente, a cada um deles, tal que se para S_j tem-se $F(ID_j) = L$, então para S_k tem-se $F^{-1}(L) = ID_k$.

Ressalta o autor que as classes de eventos L , quando munidos de certas propriedades, constituem uma língua natural (LN) para o grupo de S .

Destas considerações podemos inferir que as ideias linguísticas são representações, concretizadas por termos e asserções metalinguísticas, de fenômenos linguísticos surgidos das relações entre um grupo de sujeitos com dado mundo. Para cada enunciado metalinguístico é preciso, portanto, destacar o fenômeno que ele supõe e os fatos que dele decorrem. Tomemos os exemplos a seguir:

EXEMPLO 1: Frase é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser COMPLETO, como: *A vida do homem é trabalhosa*, ou INCOMPLETO, como: *A vida do homem* (PEREIRA, 1957, p. 211).

As ideias linguísticas presentes nesse enunciado são as seguintes:

- Id (20^o) {frase como expressão do pensamento};
- Id (21) {palavra como componente da frase};
- Id (22) {combinação como processo linguístico};
- Id (23) {expressão como ato semiótico}.

O fenômeno que subjaz a este enunciado é a capacidade de S materializar (combinar e relacionar palavras) algo imaterial (pensamento); também está suposto aí algo da natureza do pensamento (ser completo ou incompleto).

Resulta da consideração do fenômeno e de sua enunciação os dois fatos a seguir, que podem interessar à História das Ideias Linguísticas: o enunciador entende a relação entre frase e pensamento em termos do que expressa (construção) e do que é expressado (proposição); e há aí a prioridade do pensamento sobre o linguístico (característico de doutrinas racionalistas).

EXEMPLO 2: FRASE – Unidade de comunicação linguística, caracterizada, como tal, do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e ser suficiente para defini-lo e do ponto de vista fonético – por uma entoação, que lhe assinala nitidamente o começo e o fim. É assim a divisão elementar do discurso, mas pertence à estrutura linguística por obedecer a padrões sintáticos vigentes na língua, no seu sentido de sistema por que se pauta o discurso (MATTOSO CAMARA, 1970, p. 187).

As ideias linguísticas presentes nesse enunciado são as seguintes:

- Id (08¹⁰) {frase como unidade de comunicação};
- Id (09) {propósito como traço definidor da frase};

⁹ Esta numeração refere-se a ordem dada em SILVA (2024, p. 282) ao elenco das ideias linguísticas presentes no *corpus* analisado.

¹⁰ Ver nota 6.

- Id (10) {entoação como traço definidor da frase};
- Id (11) {frase como unidade do discurso}
- Id (12) {frase como parte da estrutura linguística};
- Id (13) {padrão sintático como elemento linguístico};
- Id (14) {língua como pauta do discurso}
- Id (24) {comunicação como base do estudo linguístico};
- Id (25) {estrutura linguística como base do estudo linguístico};

O fenômeno no qual se baseia esse segundo enunciado é a capacidade de comunicação de S (unidade de comunicação linguística; propósito definido), bem como a faculdade de linguagem de S (ponto de vista fonético; estrutura linguística); também está suposto aí um ponto de vista epistemológico especializado (o da linguística).

Da consideração do fenômeno e de sua enunciação decorrem os fatos a seguir: o enunciador situa-se numa perspectiva eminentemente científica, a saber, na perspectiva da linguística, o que por si só assinala um fato histórico relevante; a frase é entendida como elemento de um fenômeno maior, a comunicação, que se efetiva por meio do discurso e adquire seus padrões formais da língua, o que nos leva a situar esse enunciado científico nos quadros do **estruturalismo linguístico** do Círculo Linguístico de Praga.

A comparação dessas análises revela-nos os movimentos porque passaram as ideias relativas à teoria da frase no Brasil, que vão de teorias racionalistas a teorias estruturalistas. Ao nos aprofundarmos na produção do conhecimento histórico das ideias linguísticas encontramos indícios da mudança de paradigma que podem ter ocorrido: as ciências da linguagem no Brasil passaram de fundamentos lógico-psicológicos para fundamentos eminentemente linguísticos no tempo de um século. Temos aí, de modo breve, o resultado da implementação de um conjunto de mecanismos heurísticos da História das Ideias Linguísticas.

2.2 As externalidades cognitivas constituem a contraparte histórica das ideias linguísticas

Em nossos trabalhos assumimos como válidas as hipóteses do **empirismo externalista**, proposta filosófica de Sylvain Auroux, sobretudo as que sustentam que:

l'intelligence est originairement un artifice et que ses manifestations sont dépendantes d'instruments externes. L'intelligence de l'homme est en quelque sorte une certaine organisation du monde dont les hommes sont une partie. Ce qui n'empêche évidemment pas que l'on puisse internaliser certains procédés en acquérant certains systèmes symboliques (cf. le calcul mental). Tout n'est pas dans la tête, mais il peut y avoir beaucoup de choses dans nos têtes (AUROUX, 1998, p.7)¹¹.

O fundamento da ideia como representação, como visto na subseção anterior, encontra-se na relação de S com M; vimos ali também que S produz uma série de eventos, dotados de certa regularidade (a despeito de serem particulares) e de certas propriedades, disto fica o fato de que estes eventos guardam uma relação não-reflexiva com as ID de S, o que acaba por constituir uma LN; a inteligência linguística depende, portanto, na perspectiva do **empirismo externalista**, de instrumentos externos que lidem com a produção dos eventos e de sua organização em classes, bem como de suas relações com as ID, instrumentos descritivos

¹¹ Traduzimos: a inteligência é originalmente um artifício e que suas manifestações dependem de instrumentos externos. A inteligência humana é, de alguma maneira, uma certa organização do mundo da qual os homens são uma parte. O que não impede, evidentemente, que possamos internalizar alguns processos ao adquirirmos certos sistemas simbólicos (ex. o cálculo mental). Nem tudo está na cabeça, mas muita coisa pode ficar lá.

e/ou normativos, e outros instrumentos que lidem com as relações $R(E) = ID$ e $R(ID) = ID$, instrumentos metalinguísticos e/ou analíticos.

De acordo com Auroux (2008, p. 125-126) a relação do ser humano com seu ambiente passa, necessariamente, pela colocação em funcionamento de elementos cuja construção e conservação dependem de externalidades e/ou são externalidades; tanto quanto estes elementos referem-se à representação, trata-se do que se chama **conhecimento** ou **saber**. Estes elementos, ou conhecimentos, constituem uma nova ordem de entidades, distinta da ordem das ideias e da ordem dos entes físicos. No campo da linguagem estas concepções teóricas se concretizam nas formas assumidas pelo signo linguístico (ordem dos entes físicos), nas representações dos elementos, processos e fenômenos linguísticos (ordem das ideias) e nos conhecimentos linguísticos (ordem do saber).

No entanto, os conhecimentos não são acontecimentos e, então, não têm data; são suas eventuais aparições que têm data e que, portanto, datamos. O que não é tão fácil, pois, para isso, é preciso construir uma **permanência** ou uma **identidade** para os conhecimentos (AUROUX, 2021, p. 2). Deste modo, podemos compreender a importância das externalidades cognitivas para a História das Ideias Linguísticas: são elas a contraparte histórica destas. É através da análise histórica destas externalidades que produzimos conhecimento histórico válido acerca das ideias linguísticas objetos de nossas investigações. Nas palavras de Auroux (2008, p. 125):

[...] se quero explicar em que consiste a aptidão aritmética de um indivíduo, não vou simplesmente procurar na sua atividade cognitiva individual (que poderia eventualmente comportar elementos inatos), deverei passar pelo estudo de uma construção progressiva, geração após geração, de objetos externos (sistemas de notações, protocolos

gráficos, instrumentos como redes de pesca, ábacos etc.). Tenho imediatamente contato com objetos históricos.

Deste modo, retomando o exemplo do subtópico 2.1, o enunciado científico que guarda as ideias linguísticas que analisamos encontra-se registrado numa externalidade cognitiva, a *Gramática Expositiva: curso superior* (107^a ed.) de Eduardo Carlos Pereira (1855 – 1923), que, como instrumento, possui uma “biografia”¹². É ela, também, um dos muitos pontos do percurso histórico da própria Id (20) {frase como expressão do pensamento}; a partir da investigação de seu horizonte de retrospectão podemos, com segurança, traçar uma das muitas linhas de desenvolvimento ou de circulação, conforme o caso, desta ideia.

2.3 A ciência é um domínio empírico e sua história é a parte descritiva de sua epistemologia

Ideias, conhecimentos e externalidades cognitivas são elementos de uma realidade mais complexa: as ciências — em nosso caso particular, as ciências da linguagem. Para Auroux (1986, p. 2), um historiador que faça seu trabalho com seriedade coloca-se, também, questões propriamente epistemológicas sobre o que é uma ciência, como ela funciona etc. A história da ciência é, pois, uma parte da epistemologia; sua parte descritiva, por oposição a sua parte normativa (tradicionalmente designada como lógica e metodologia).

¹² Para as mudanças da Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira ver: MOLINA, Márcia A. G. Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (Curso Superior) de Eduardo Carlos Pereira. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

Ao longo de suas reflexões Sylvain Auroux (1986, 2017) propõe dois modelos gerais de abordagem histórica das ciências. Começa por considerar o modelo a seguir (AUROUX, 1986, p. 8):

- (1) uma ciência é um complexo de três componentes:
 - a) um componente teórico: O
 - b) um componente sociológico: S
 - c) um componente prático: P

De acordo com o autor os componentes são eles mesmos complexos: o componente teórico compreende teorias, conceitos, métodos, programas de pesquisa, dados, protocolos experimentais etc. O componente sociológico compreende instituições, carreiras, cursos de treinamento, competências individuais etc. O componente prático compreende globalmente **interesses** no sentido com que Jürgen Habermas¹³ emprega este termo. A análise destes componentes permite-nos compreender uma gama mais ampla de fatores e de dinâmicas atuantes na emergência e circulação das ideias que investigamos.

Os sistemas científicos, nesta perspectiva, são antes de tudo sistemas situados no espaço-tempo. Isto se aplica igualmente a esta parte do sistema que são os atores científicos, e entre eles os produtores de conhecimento. O importante, no final das contas, não é o enunciado, mas a enunciação; assim, devemos sempre referir os enunciados a sistemas e atores e, conseqüentemente, pensar em sua relação com a temporalidade. Para tanto dispomos dos seguintes pressupostos: (a) os produtores de enunciados são sempre indivíduos ou grupos de indivíduos; (b) um enunciado não pertence ao sistema apenas pelo fato de sua enun

¹³ O livro no qual Jürgen Habermas discute este conceito é: HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse. Tradutor Luiz Repa. São Paulo: Unesp, 2014.

ciação por um ator. O enunciado deve respeitar certos padrões e, especialmente, ser assumido pelo resto da força de trabalho científica. Em outras palavras, a enunciação é um processo coletivo (AUROUX, 1986, p. 10).

Sylvain Auroux (2017, p. 170-171), numa outra abordagem do tema, afirma que, para o historiador, a ciência é um domínio empírico, dotada da seguinte estrutura:

- i) os **fatos** são constituídos de conhecimento, quer dizer, de asserções consagradas a domínios de objetos e validados por protocolos empíricos e formais recuperáveis;
- ii) o **conhecimento** é invenção, isto é, inovação retomada no horizonte de retrospectção da comunidade e verificável quando necessário;
- iii) o **tempo** é uma dimensão essencial das disciplinas científicas: não há ciência instantânea nem ciência sem memória (ou **horizonte de retrospectção**);
- iv) o conhecimento é descontínuo (ele corresponde a invenções isoláveis, mais ou menos datáveis e substanciais) e é igualmente inserido nos conjuntos mais vastos ou em **campos de conhecimentos**;
- v) a **estrutura dos campos de conhecimentos** pode variar, sem, para tanto, fazer desaparecer certas invenções ou **núcleos de racionalidade** (por exemplo, para as ciências da linguagem, a teoria dos tempos, ou aquela dos casos gramaticais);
- vi) novos objetos podem aparecer em um **domínio de conhecimento** ou dele desaparecer; esses fenômenos podem depreender da estrutura do campo, de uma mudança de interesse ou do aparecimento de novos dados empíricos;
- vii) um domínio de conhecimento que não tenha núcleos de racionalidade a longo termo não seria uma ciência. Os núcleos de racionalidade estão submetidos à revisão, mas podem também ter reconhecidas suas filiações ou sua recorrência;

viii) as asserções fundadas sobre a estrutura de um campo de conhecimento em um dado momento não têm nenhuma necessidade de serem estáveis. A ideia que temos de ciência (independentemente da abordagem histórica) faz parte desse tipo de asserção.

Esses dois modelos gerais serviram-nos, heurísticamente, como mapa do campo humano que pretendíamos explorar através da elaboração das questões iniciais a seguir:

- Mattoso Camara como agente científico tem interesses compatíveis, ou não, com os do **componente prático** da ciência de seu tempo e lugar?
- Como se deu a circulação, atuação e vivência de Mattoso Camara nos ambientes que compunham o **componente sociológico** da ciência de seu tempo e lugar?
- Quais os reflexos do estudo, da aprendizagem e da meditação de elementos do **componente teórico** da ciência de seu tempo e lugar na produção intelectual de Mattoso Camara?¹⁴

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Leite (2019, p. 162) após afirmar que a discussão metodológica é mais constante na Historiografia Linguística do que na História das Ideias Linguísticas, com a ressalva de que não se pode dizer que o debate sobre esse ponto nesta última seja insuficiente, apresenta os aspectos metodológicos gerais de ambas as disciplinas evidenciando suas diferenças e potencialidades. Não rerepresentarei aqui a exposição tão clara e precisa que encontramos no texto da autora; retomo apenas a

¹⁴ Estas são questões gerais que surgiram ao longo de nossas investigações; as anotamos aqui como dados heurístico para futuras investigações. As questões tratadas neste trabalho são mais específicas e vão apresentadas na seção a seguir.

conclusão que dá à sua discussão: a História das Ideias Linguísticas é dotada de diretrizes metodológicas claras e produtivas.

Reafirmamos que a história dos conhecimentos linguísticos é feita dos desenvolvimentos dos conhecimentos metalinguísticos¹⁵, de suas interações, ou mesmo da passagem da tematização de certos fenômenos de um tipo a outro (AUROUX, 1988, p. 430). Por outro lado, os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos, com Paul Veyne (1998, p. 42), de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos.

O interesse pela história das ideias e dos processos de produção de conhecimentos sobre a linguagem e as línguas adquiriu novo status por volta da década de 1970 a partir dos trabalhos de Sylvain Auroux e de Konrad Koener; foram eles que “viabilizaram as condições para a criação e estabilização desse domínio científico, não somente por produzirem conhecimentos na área, mas também, e principalmente, por promoverem sua institucionalização” (LEITE, 2019, p. 141). Antes do trabalho destes dois eminentes historiadores, as ciências da linguagem tinham como processos de historicização sobretudo as crônicas biobibliográficas, as cronologias de publicações e os panoramas introdutórios estruturados a partir de temáticas específicas e com intuítos de legitimação ou de deslegitimação de dada teoria. Dos trabalhos destes dois autores emergiram duas disciplinas que, a despeito de compartilharem um domínio de conhecimento comum, fundamentam-se na produção de trabalhos epistemológica e metodologicamente diferentes: a Historiografia da Linguística, ou Historiografia Linguística, e a História das Ideias Linguísticas (LEITE, 2019, p. 144).

¹⁵ Sobre os tipos de conhecimento metalinguístico ver Tabela 1 deste trabalho (p. 20).

No contexto brasileiro, o diálogo entre pesquisadores de ambas as disciplinas tende a neutralizar suas diferenças, sendo comum a utilização de referencial teórico e de procedimentos metodológicos de uma disciplina por pesquisadores da outra. No entanto, apoiamo-nos na “tese da continuidade e da acumulação do conhecimento” (LEITE, 2019, p. 152); compreendemos também que, no contexto da disciplina de nossa eleição, o objeto, muito mais amplo do que as teorias, “é o conhecimento sobre a linguagem e as línguas, o conhecimento externalizado a respeito do funcionamento da linguagem e das línguas, de suas características, de suas categorias” (LEITE, 2019, p. 161); comprometemo-nos, por fim, a buscar a “identificação das causalidades das mudanças” (LEITE, 2019, p. 161-2).

A História das Ideias Linguísticas, na proposta do filósofo e historiador Sylvain Auroux – bem como nos desenvolvimentos promovidos pelos pesquisadores do Laboratoire Histoire des théories linguistiques, da Université de Paris, e dos pesquisadores do GT¹⁶ Gramática: história, descrição e discurso, da Universidade de São Paulo – baseia-se na concepção de que:

Le savoir linguistique est multiple et il débute naturellement dans la conscience de l’homme parlant. Il est épilinguistique, non posé pour soi dans la représentation avant d’être métalinguistique, c’est-à-dire représenté, construit et manipulé en tant que tel¹⁷.
(AUROUX, 1988, p. 429)

A passagem do conhecimento epilinguístico ao conhecimento metalinguístico se dá por meio das representações que nesse processo são elaborados.

¹⁶ Grupo de Trabalho.

¹⁷ Traduzimos: “O saber linguístico é múltiplo e surge naturalmente na consciência do falante. É ele epilinguístico, ou seja, não se coloca por si mesmo na representação antes de tornar-se metalinguístico, quer dizer representado, construído e manipulado como tal”.

Constitui, precisamente, tarefa do historiador das ideias linguísticas precisar os momentos em que tais representações, materializadas em proposições e emitidas em situações discursivas, tornaram-se conhecidas, bem como o papel que desempenharam na configuração do estado das ciências da linguagem que, como contexto, as tenham acolhido (SILVA, 2019, p. 19).

3.1 *O problema de pesquisa e as questões de trabalho: as ideias de frase e de sintaxe na obra de Mattoso Camara Jr.*

Meu primeiro contato com Mattoso Camara Jr. foi através da leitura de seu *Princípios de linguística geral* (4 ed.), ainda na graduação¹⁸ em letras. Essa leitura impressionou-me; não tanto pelo conteúdo, novo para mim à época, mas pela clareza e precisão de seu estilo. Ao aprofundar-me nos estudos de seus temas, estranhei o espaço dado à frase — dois capítulos —, um tema pouco explorado nas aulas de português e confusamente tratado nas gramáticas normativas que conhecia.

Este estranhamento foi a causa de voltar-me para estes dois capítulos quando decidi enveredar pelos caminhos da pesquisa acadêmica. Tomei como objeto de pesquisa no mestrado¹⁹ a ideia de frase na obra de Mattoso Camara Jr. O resultado a que chegamos nessa investigação foi:

Mattoso Câmara reflete em seus trabalhos as mesmas questões de base que acompanham a história da ideia de frase: seu caráter fronteiriço, a variedade terminológica que a recobre, sua importância na reflexão sobre o uso linguístico, dentre outras; contribuiu, igualmente, para o esforço de precisão conceitual-terminológica da ideia de frase na medida em que os dois capítulos (XI e XII) de seu *Princípios de linguística geral* dedicados à

¹⁸ Concluída em 2007 na Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).

¹⁹ Concluído em 2019 na Universidade de São Paulo (USP).

questão da frase constituem ainda abrangente e importante estudo sobre os fundamentos de uma pertinente Teoria da Frase (SILVA, 2019, p. 125).

Uma das tarefas de pesquisa que realizei no mestrado foi uma visita ao *Centro de Estudos Linguísticos Mattoso Câmara* (CEL Mattoso Câmara), que consiste numa sala da Biblioteca Central da *Universidade Católica de Petrópolis* (UCP) destinada à preservação da biblioteca e do arquivo pessoais de Mattoso Câmara (MOURA, 2011). Pretendia encontrar aí vestígios de suas reflexões acerca da teoria da frase que me permitissem historiar seu processo de produção e de difusão. Qual foi minha surpresa quando me deparei com um significativo número de documentos relevantes não apenas para a história das ideias linguísticas de Mattoso Câmara, mas também para a história da linguística brasileira. Fiz cópias daqueles que me pareceram relacionados ao meu objeto de pesquisa e daqueles que me pareceram interessantes para futuras investigações. Dentre estes papéis destacaram-se os seguintes:

P.I. Palestras – N. 4²⁰: 5^a Palestra sobre o vocábulo mórfico na frase (s.d.);

P.I. Estudos – N. 11: A situação na frase literária (s.d.);

P.I. Aulas – N.2:

38^a aula do Curso de Crítica Textual: Teoria da Frase

39^a aula do Curso de Crítica Textual: Padrões frasais; tipos de frases

40^a aula do Curso de Crítica Textual: Estrutura da frase

41^a aula do Curso de Crítica Textual: Unidade da frase; tipos de frase; concatenação da frase

²⁰ Etiquetas atribuídas aos documentos pela equipe do CEL Mattoso Câmara.

- P.I. Estudos – N. 56: Para o Estudo da Sintaxe Portuguesa (s.d.);
P.I. Estudos – N. 59: O Conceito de Sintaxe (s.d.);
P.I. Estudos – N. 64: Notas para uma Tese sobre Sintaxe Portuguesa (s.d.);
P.I. Estudos – N. 33: Sobre a Relação Formal entre Sujeito e Verbo (s.d.);
P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe (s.d.).

De um modo ou de outro o assunto que me interessava à época, a Teoria da Frase, aparecia em cada um deles. Também outro assunto emergia desta documentação, a Sintaxe. Ainda que de modo confuso estes documentos pareciam guardar em si algo de relevante sobre as reflexões de Mattoso Camara Jr. sobre a sintaxe. Isto e, também, a pouca presença do tema Sintaxe nos textos publicados por Mattoso Câmara, levou-me a formular o seguinte problema: *como apreender o lugar da sintaxe no programa de pesquisa linguística de Mattoso Câmara?*

Apenas a análise de seus textos publicados pareceu-me não ser suficiente para solucionar este problema, visto que neles a sintaxe ocupa pouco espaço²¹. Diante do que me revelavam seus papéis de trabalho, tornou-se evidente a necessidade de também os considerar na solução dessa questão. O que me levou a outro problema: *como tratar estes documentos de modo a torná-los fontes confiáveis para a produção de conhecimento histórico das ideias linguísticas?*

A crítica textual, inicialmente, pareceu-me o melhor caminho a seguir. No entanto, dada a diversidade de tipos de papéis de trabalho de que dispunha, dos quais apenas um era rascunho de um texto publicado²², os métodos de crítica textual se mostraram pouco úteis para as tarefas a serem realizadas: editar os papéis

²¹ O que em si sugere a questão histórica do porquê desta ausência.

²² A seção 3 do PT6 – *Fundamentos da sintaxe*, intitulado *Morfologia e sintaxe*, é uma primeira versão do texto *Morfologia e sintaxe*, publicado inicialmente no *Jornal de Filologia* em 1955. Ver na *Terceira Parte* deste relatório.

e, ao editar, compreendê-los como testemunhos de um processo cognoscitivo. Com esta inquietação cheguei à proposta de crítica genética de Fenóglío (2012) que se propõe trabalhar especificamente com a escrita linguística. Permaneciam ainda as questões: *como compreender a ideia de sintaxe de Mattoso Câmara e, sobretudo, como situá-la na história das ciências da linguagem no Brasil?*

Não há para a História das Ciências da Linguagem no Brasil obras gerais, ou mesmo, categorizações consensualmente aceitas que possam nos dar um panorama amplo e eficaz do que se fez (e do que se faz) no Brasil em termos de estudos da linguagem. No entanto, há importantes trabalhos que abordam aspecto ou outro da história das ideias linguísticas — e, também, da historiografia linguística brasileira — que vigeram no Brasil. Destas, apoiamo-nos, sobretudo, nas obras do professor Ricardo Cavaliere (2001; 2014) sobretudo em sua proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil; nos trabalhos de Bruna Polachini (2013, 2018) quanto ao tratamento da sintaxe na gramaticografia brasileira do século XIX; também nos trabalhos da professora Cristina Altman (1997, 1998, 2018, 2019, 2021) quanto aos processos de institucionalização das ciências da linguagem e, sobretudo, quanto a dados da história externa (fatos, publicações, personagens, eventos etc.) dos estudos linguísticos no Brasil. O estudo dessas obras permitiu-nos apreender os contornos mais amplos da História das Ciências da Linguagem no Brasil de modo a poder, a partir deles, localizar a ideia de sintaxe em Mattoso Câmara tanto na ordem dos caracteres internos (ideias linguísticas) quanto dos externos (cronologia e eventos).

Mattoso Câmara é visto como pioneiro nos estudos da linguística no Brasil. Como um dos iniciadores do tratamento científico — numa compreensão novecentista de ciência — da linguagem, suas ideias são relevantes para compreendermos os desdobramentos dos estudos linguísticos no Brasil. Uma destas ideias é a de

objeto da linguística *lato sensu*, que para ele é o **discurso**; de modo estrito, tem-se a **língua** como objeto da linguística *stricto sensu* e o **estilo** (coletivo e individual) como objeto da estilística (MATTOSO CÂMARA, 1974, p. 29). Na variada produção de Mattoso Câmara, podemos identificar os seguintes centros de interesse (UCHÔA, 1975, *apud* SILVA, 2019, p. 93), acrescidos dos títulos das obras principais que Mattoso a eles dedicou:

- 1) a linguística geral – *Princípios de linguística geral* (1ª ed., 1941);
- 2) o estudo da língua portuguesa – *História e estrutura da Língua Portuguesa* (1ª ed., 1972, em inglês com o título *The Portuguese language: history and structure*).
- 3) os estudos estilísticos – *Contribuição à estilística portuguesa* (1ª ed., 1953); *Ensaios machadianos* (1ª ed., 1962);
- 4) história das ciências da linguagem – *História da linguística* (1ª ed., 1975);
- 5) as línguas indígenas brasileiras – *Introdução às línguas indígenas brasileiras* (2ª ed. rev., 1965).

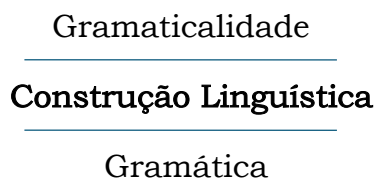
Silva (2019, p. 93) entende este elenco como indício de que Mattoso Câmara pode ser visto como interessado nas várias manifestações do fenômeno linguístico e que pretendia mesmo abarcá-los num conjunto de obras que pudesse dar conta de uma linguística total, como propunha seu colega Eugenio Coseriu. Ressalta, no entanto, que não afirma, com isto, que Mattoso Câmara Jr. houvesse elaborado tal projeto, apenas que a obra que deixou permite vislumbrá-lo como possível.

Deste modo, os dados do problema que enfrentamos são: Mattoso Câmara Jr., como linguista geral, pretendia abranger todos os aspectos da linguagem em

estudos teóricos particulares dedicados a cada um deles (gramática, fonêmica, descrição, estilo, línguas indígenas, morfologia); a sintaxe é um destes aspectos; esperava-se, portanto, que houvesse algum trabalho de folego sobre o tema; não há tal trabalho; existe, no entanto, vestígios de um projeto para tal; o projeto foi, no entanto, deixado inacabado. Em última análise é ao problema de *como compreender a concepção e abandono de um projeto teórico de sintaxe por Mattoso Câmara* que nossa tese pretende oferecer alguma solução.

3.2 Aparato metodológico aplicado ao sistema de objetos da ideia de sintaxe em Mattoso Camara Jr.

Diante de tais problemas atuamos, metodologicamente, segundo a proposta hipotético-confirmativa de Auroux (1980), que busca abordar os documentos com questões precisas a resolver. Definimos, porém, **ideia** como sendo o composto [conceito + real] (SANTOS, 1955) e a tomamos, na perspectiva semiótica de Deely (1982), como signo; o que nos levou a conceituar **ideia linguística** como o elemento semiótico expresso em enunciados científicos extraídos de instrumentos linguísticos, correspondentes a fenômenos linguísticos inerentes a um dos componentes do esquema da linguagem²³ a seguir:



²³ Esquema elaborado por nós a partir de Auroux (1993, p. 27-28).

Neste sentido, estabelecemos três perspectivas de apreensão de nosso objeto de investigação: 1) o mais geral: do **instrumento ou tratado linguístico**; 2) o medial: dos **enunciados científicos**; e, por fim, o mais específico: 3) o das **ideias linguísticas**. Cada perspectiva implica modos de historicização particulares; a conjugação dos três níveis deu-nos, acreditamos, uma visão abrangente da história que pretendíamos investigar.

Para lidar com o objeto já apreendido e estabelecido, baseamo-nos nos conceitos de **fatores emergentes** e **fatores predisponentes** de Santos (1955), entendidos, respectivamente, como sendo a configuração “atual” da ideia e como aquilo de que a ideia adquire consistência. Os fatores emergentes (ou internos) são aqueles que dão forma e identidade ao conhecimento. Os fatores predisponentes (ou externos) são aqueles que criam o ambiente propício a afirmação e enunciação do conhecimento.

Não tomamos a ideia linguística como um ente em si, mas constituindo uma **situação enunciativa** na qual exerce papel relevante. É nesta medida que os fatores emergentes e predisponentes se tornam importantes ferramentas de trabalho. A partir destes conceitos propomos as categorias **configuração** e **fundamentos** como primeiros momentos do trabalho analítico-interpretativo. Neste sentido, buscamos primeiro a ideia de sintaxe de Mattoso Camara, em seguida sua configuração (sua contraparte na realidade, sua formulação original e suas reformulações) e seus fundamentos (ideias subsidiárias, fontes doutrinárias, recepções, circulação, aplicações etc.).

Em seguida buscamos apreender os movimentos, transformações e permanências, que acometeram a ideia, tecendo deste modo sua história; neste sentido apoiamo-nos nos princípios a seguir: a) todo tema histórico resolve-se no confronto do um com um outro, ou consigo mesmo, num antes e num depois

(**princípio das polaridades**); b) o conhecimento histórico é, também, a explicitação dos movimentos (de formação, de transformação, de deterioração etc.) de um dado fenômeno humano (**princípio da dinamicidade**).

Nossas demonstrações fundamentam-se, primeiramente, na apreensão das ideias por meio da depreensão de proposições lógicas de enunciados em língua natural; assim, extraímos dos enunciados os termos metalinguísticos e os relacionamos por meio do comparativo “como” aos termos que assinalam as notas de sentido próprias aos fenômenos linguísticos representados, assim do enunciado a seguir:

É da análise dos padrões frasais, resultantes da maneira porque em cada língua aí se joga com a ordem, a associação e a concordância entre os vocábulos, que trata a parte da gramática tradicionalmente chamada SINTAXE, ao lado da MORFOLOGIA, que depreende os morfemas gramaticais e a sua integração nas unidades fixas chamadas vocábulos (MATTOSO CAMARA, 1959, p. 199).

Extraímos a Id (03) {padrões frasais como objeto da sintaxe}, principal objeto de nossa investigação, em que “padrão frasal” é o termo metalinguístico e “objeto da sintaxe” a nota de sentido própria ao fenômeno linguístico representado pelo termo em questão.

Nossas demonstrações fundamentam-se, igualmente, em três tipos de evidência: a) nas **ressonâncias**, ou seja, nos dados análogos (igualdade de forma, ou de conceituação, ou de estrutura) encontrados nos documentos de diversa origem; b) no **horizonte de retrospecção**, entendido como os conhecimentos mobilizados pelo estudioso ao produzir seu conhecimento; e c) nas **tradições de pesquisa** – utilizamos o conceito de Laudan (2011) matizado pelo realismo

metodológico de Aurox (1980), que vê a ciência como um complexo de três componentes: teórico, sociológico e prático.

Propusemos, igualmente, o conceito de processos de historicização; adaptação nossa do conceito de **modos de historicização**. Aurox (2021 [2006], p. 6) o apresenta do seguinte modo:

Parece-me que não se pode tratar seriamente da questão da história das ciências sem estudar a constituição e a estrutura dos horizontes de retrospectão, assim como a maneira pela qual os domínios do objeto são afetados pela temporalidade, o que chamamos de “modos de historicização”.

O programa de pesquisa proposto pelo historiador Sylvain Aurox vai sintetizado nesta citação; no entanto, interessa-nos explicitar apenas a noção de que a temporalidade afeta o domínio de objetos. O que diferencia nosso conceito do de Sylvain Aurox é apenas o escopo, pois o dele é a história das ciências da linguagem, o que envolve os sistemas científicos, tradições de pesquisa, instrumentos linguísticos etc. numa visão mais global das ciências da linguagem. O escopo de nossa acepção encontra-se numa escala menor, a saber, os instrumentos, enunciados e ideias linguísticas, numa visão abrangente do pensamento linguístico de um único estudioso ou de um sistema científico específico. Deste modo, conceituamos **processos de historicização** como a maneira pela qual instrumentos, enunciados e ideias linguísticas são afetados pela temporalidade inerente à ação dos agentes sobre eles.

O *corpus* com o qual trabalhamos é constituído por dois conjuntos de documentos; o primeiro nomeamos de **papéis de trabalho**, o segundo de **textos**. Tomamos o primeiro conjunto como objeto primário de nossas análises; ao se-

gundo atribuímos o papel de fontes de dados para comparação ou suplementação das ideias linguísticas, do horizonte de restrospecção e dos processos de historicização encontrados nos papéis de trabalho. Esta organização advém do princípio historiográfico que estabelece o **sistema de objetos** como sendo uma representação construída a partir de um **domínio de objetos** (AUROUX, 2006). Deste modo temos o **domínio de objetos** — ou seja, textos, papéis e suas histórias textuais e contextuais — e o **sistema de objetos** — as ideias sintáticas de Mattoso Camara — que construímos a partir daquele domínio. O primeiro conjunto de documentos é formado por manuscritos e datiloscritos encontrados no CEL Mattoso Camara que versam sobre sintaxe; o segundo, por excertos de obras publicadas por Mattoso Camara em que discute temas sintáticos.

Por fim, defendemos a tese de que Mattoso Camara iniciou a preparação de um tratado linguístico em que pretendia tomar como tema central a sintaxe, com o intuito de promover, nas ciências da linguagem no Brasil, um avanço teórico também neste campo. Nomeamos este evento como **projeto sintático de Mattoso Camara**, cuja evidência maior é um documento datiloscrito que, a partir de referências internas, intitulamos *Investigações sintáticas*. Defendemos igualmente que os termos dessa contribuição seriam as ideias a seguir: Id (26) {teorias da enunciação, da frase e da sintaxe como elementos de uma teoria integral do discurso} e Id (03) {padrões frasais como objeto da sintaxe}. A primeira delas inferimos da análise das ideias presentes nos documentos arrolados, tanto os papéis de trabalho como os textos publicados; a segunda é afirmação explícita que consta em diversos dos documentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste balanço teórico-metodológico, concluímos este trabalho com a convicção da relevância da História das Ideias Linguísticas como fonte de doutrinas e instrumentos que possibilitam aos historiadores das ciências da linguagem – e aos próprios cientistas da linguagem – realizar seu trabalho com segurança e apuro. Buscamos, sobretudo, aclarar os conceitos de **ideia linguística**, **externalidades cognitivas**, **sistema de objetos** etc. ilustrando-os a partir de recortes de nossa pesquisa sobre as ideias linguísticas de Mattoso Camara Jr e colocando nossas conceptualizações no circuito de discussões da historiografia linguística a fim de que possamos contribuir, ainda que modestamente, na ampliação e aprimoramento do diálogo, sempre necessário, na produção de conhecimentos e de saberes histórico-científicos.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Cristina. **A guerra fria estruturalista**: estudos em historiografia linguística brasileira. São Paulo: Parábola, 2021.
- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1998.
- AUROUX, S. Os modos de historicização. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL216745 Acesso em: 07 fev. 2024.
- AUROUX, Sylvain; COLOMBAT, Bernard. L’horizon de rétrospection des grammairiens de l’Encyclopédie. In.: **Recherches sur Diderot et sur l’Encyclopédie**, Société Diderot, 1999.
- AUROUX, Sylvain. **A Questão da Origem das Línguas seguido de A Historicidade das Ciências**. Tradução Mariângela Peccioli Gali Joanelho. Campinas: Editora RG, 2008.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

AUROUX, Sylvain. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. In: **Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage**, Première série, n° 7, 1986, pp. 1-26.

AUROUX, Sylvain. Introdução. In: **Histoire des idées linguistiques** - tome 1, La naissance des métalangages en orient et en occident. Liège: Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. L'histoire de la linguistique. In: **Langue française, Histoire de la linguistique française**, n. 48, pp. 7-15, 1980.

AUROUX, Sylvain. **La logique des idées**. Montréal / Paris: Bellarmin / Vrin, 1993.

AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage et les normes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

AUROUX, Sylvain. Les modes d'historicisation. In.: **Histoire Épistémologie Langage, Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection**, tome 28, fascicule 1, pp. 105-16, 2006.

AUROUX, Sylvain. Pour une histoire des idéés linguistiques. In: **Revue de synthèse**, IVe série, n° 3-4, juil.-déc.1988, pp. 429-441. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03189139> Acesso em: 12 fev. 2024.

AUROUX, Sylvain. Que peut dire un historien des sciences sur Saussure? [O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure?] Tradução de Amanda Eloina Scherer, Maria Iraci Sousa Costa, Mauricio Bilião. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, Pouso Alegre (MG), v. 15, p. 169-196, jul.- dez. 2017. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/531.pdf> Acesso em 21 jun. 2021.

CAVALIERE, Ricardo. **A gramática no Brasil: ideias, percursos, parâmetros**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CAVALIERE, Ricardo. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. In. **Alfa**, São Paulo, 45, pp. 49-69, 2001.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017. (Título original: *Histoire des idéés sur langage et les langues*)

DEELY, John. **Introducing semiotic: its history and doctrine**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.



FENOGLIO, Irène. **Genèse du geste linguistique**: une complexité heuristique. *Genesis*, 35 | 2012, 13-40. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/1033> Acesso em: 07 fev. 2024.

LAUDAN, Larry. **O progresso e seus problemas**: rumo a uma teoria do crescimento científico. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

LEITE, Marli Quadros. **Historiografia da linguística e história das ideias linguísticas: aproximação e distanciamento**. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

LONERGAN, Bernard. **Método em teologia**. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012.

MARROU, Henri-Irénée. **De la connaissance historique**. Paris: Éd. du Seuil, 1954.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MOURA, Tatiana Freire. A noção de arquivo e a ciência linguística: Centro de Estudos Linguísticos Mattoso Câmara. In.: **V Seminário de estudos em Análise do discurso**. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/TatianaFreire.pdf> Acesso em: 17 fev. 2024.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. 107 ed. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1957.

POLACHINI, Bruna Soares. **O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do século XIX: estudo historiográfico**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2013.

POLACHINI, Bruna Soares. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de Língua Portuguesa**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2018.



SANTOS, Mário Ferreira dos. *Lógica e dialética*. 2 ed. São Paulo: Logos, 1955. (Enciclopédia de ciências filosóficas e sociais, vol. II)

SILVA, Francivaldo Lourenço da. **A frase e sua teoria no horizonte de retrospectão de Mattoso Câmara**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Francivaldo Lourenço da. **As investigações sintáticas de Mattoso Camara: explorando seus papéis de trabalho a fim de suas ideias linguísticas**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: UNB, 1998.